

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO
Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha-Lisbon • Telefone 5339 O.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O militarismo, eis o inimigo!

Para justificar aos olhos das multões a necessidade de continuar a guerra, os governantes da Entente marcial, como fim às hostilidades, o esmagamento do militarismo alemão. Foi esta a perspectiva que hipnotizou muitas mentalidades socialistas.

Subentende-se contudo, e certos militares, especialmente Vandervelde, o proclamaram, que devendo, ser esta a última das guerras, a desapareição do militarismo alemão teria por consequência lógica a desapareição de todos os militarismos.

Com efeito, o militarismo, tendo as mesmas causas e conduzindo aos mesmos resultados em todas as latitudes, faz o perigo em si e não no epíteto que o acompanha. Não se concebe, para os povos, um bom militarismo ou militarismo útil, benéfico. Em todas as nações o militarismo tem por consequências fatais: o encasernamento da juventude, a paralisação do trabalho produtivo, o enfraquecimento da vida intelectual, encargos financeiros esmagadores, excitação de ódios internacionais, e guerras, com o seu cortejo de misérias.

Portanto, para serem lógicos com os próprios, agora que o militarismo não está esmagado, os governantes de todos os países devem empenhar os seus esforços para a desapareição dos militarismos respectivos. E' isto, fazer anti-militarismo? Sim, se se tomar o termo no «bom sentido» que é conveniente dar-lhe.

E, sobre este termo «anti-militarismo» apliquemo-nos, uma vez por todas, no próprio interesse do Socialismo. Numerosos são ainda os pobres de espírito persuadidos de que o anti-militarismo comporta um sentimento agressivo em relação aos indivíduos. Para eles, ser anti-militarista é alimentar um ódio centrado contra os militares.

Eis um ponto de vista bem mesquinho que nada tem de comum com a nossa doutrina. O nosso anti-militarismo visa o espírito duma instituição que julgamos caduca, mas nada tem de agressivo contra os indivíduos que ainda a representam. Não são os homens que nós combatemos mas sim a mentalidade em nome da qual essa casta de homens continua existindo. Pode ser-se anti-militarista mesmo sendo-se militar, todos nós conhecemos oficiais que, livres dos preconceitos da sua casta, são sinceramente anti-militaristas.

Em realidade, o anti-militarismo tem por objectivo chegar, por sucessivas reduções do tempo de caserna, à supressão dos exércitos. Para as mais rudimentares inteligências é evidente, com efeito, que o melhor meio de tornar impossível qualquer nova guerra, é conseguir a supressão paralela mas total dos exércitos. Quando já não houver soldados os povos não poderão lutar-se.

Mercê da derrota, a Alemanha teve a grande felicidade de ficar desembarcada do fardo do seu militarismo. O seu exército está reduzido a cem mil homens — e sabemos que ainda mais reduzido poderia ser. A sua marinha militar não existe. E' o ideal, para ela!

2.ª A França que espera para imitar? O projecto de lei que nos anuncia de dois meses de serviço activo é uma ironia macabra. Longe de fortificar a França — como os eleitos do Bloco Nacional ingenuamente supõem — só a diminuirá.

Enquanto a mocidade alemã poderá consagrar-se a tarefas produtivas, a nossa ficará imobilizada na deprimente ociosidade das casernas. Os nossos profissionais do patriotismo fazem assim o jogo da Alemanha, fazendo-o em detrimento do nosso renascimento económico, industrial e intelectual. Deftuam a Nação; depois, para abafar os seus protestos, dizem-lhe: «Acerta o que fazemos. E' no teu interesse. E' para a tua glória; ficarás invencível assim!» A desgraça é que estes laços pesados e apertados impedem a vida de circular nas artérias. Com este regime, dentro de vinte anos a França não será mais que um esqueleto. Os dominantes do momento, esquecendo as lições do passado, imaginam ainda que, para assegurar a paz, é preciso fazer a guerra; e, a frio, agravam com oito bilhões o orçamento esmagador sob o qual a França sucumbe.

Mas há melhor. Mesmo aceitando a sua mentalidade, o serviço de 18 meses constitui um disparate tão perigoso como o da nefasta lei dos três anos. Profissionais, como os generais Verraux, Sarrail e Percin demonstraram que, doze meses, oito meses, seis meses até,

UM PORMENOR Efeitos do comunismo

Guzev escreve no Pravda:

«Durante estes três anos de regime soviético produziram-se transformações interessantes na vida económica rural. O número dos aldeões que possuíam muitos cavalos baixou consideravelmente, descendendo de um sétimo a um nono, enquanto o número dos aldeões que possuíam dois cavalos diminuiu para metade. Em compensação, o número dos que só possuíam um cavalo aumentou numa grandíssima proporção. O mesmo fenómeno se verifica no respeitante ao gado. O número das massas aldeãs puramente proletárias — e, ao mesmo tempo, dos aldeões ricos, diminuiu. O resultado é um aumento no número de pequenas propriedades.

«E' naturalmente muito difícil explicar a classe rural atravessada as vantagens da economia colectiva. E, apesar de tudo, é preciso fazer-lhe essa explicação. Do quanto pode fazer a propaganda da nota a comparação das estatísticas fornecidas pelas diferentes províncias. Existem, por exemplo, no governo de Tambov, 820 propriedades colectivas, enquanto o governo de Kursk só possui 37. As condições actuais exigem imperiosamente a passagem para a economia colectiva, pois que o emprego dos métodos modernos só é possível nas grandes propriedades, em que o trabalho se executa pelos esforços coordenados dos trabalhadores agrícolas. Só a economia colectiva poderá aumentar a produção rural.

Propósitos pacíficos...

BRUXELAS, 26. — A comissão encarregada de tratar da duração do serviço militar examinou hoje o projecto do general Maglins, chefe do estado-maior do exército, o qual se propõe fixar a duração do serviço militar em 18 meses para as armas montadas e em 12 para os outros serviços, o que faria elevar a duração do serviço total para todas as armas a 16 meses.

DISCIPLINA

Da Umanitá Nova:

«Nós entendemos por disciplina o acordo voluntário, e o mútuo empenho de não faltar, sem graves razões, à palavra dada; entendemos, por isso a análise em comum das situações e das probabilidades e do que se deve fazer em determinadas circunstâncias; entendemos não ficar tranquilos em Milão, quando em Florença se põem em movimento, etc., etc. Não aceitamos de forma alguma a disciplina militar, aquela em que os chefes ordenam, e os subordinados obedecem; em que um partido resolve, e todos os outros partidos, e todo o povo tem de aceitar forçadamente todas as suas resoluções. Isso, nunca!

Em Castelo Branco

prolbe-se uma sessão de propaganda operária e consente-se uma parada reaccionária

CASTELO BRANCO, 26. — Em sessão da Federação Nacional da Construção Civil, devia ontem realizar-se uma sessão de propaganda da Associação da Construção Civil, o secretário geral da dita Federação.

EM LEORNE

Uma manifestação de estudantes

Em Leorne, Itália, a Liga Subversiva dos Estudantes, realizou um comício no teatro Goldoni, ao qual aderiram os republicanos, os socialistas, os comunistas e a União anarquista local.

CONFERENCIAS

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, a 23.ª conferência do dr. sr. Câmara Reis, sobre literatura, tratando-se e especialmente de Garrett.

O nosso editorial

E' de Armando Charpentier, frequentador do *Le Populaire de Paris*, o artigo que hoje publicamos em fundo. Trata-se nele uma questão que a propaganda socialista e operária não pode esquecer. O militarismo é um cancro implacável, que há muito flagela o povo; e o Charpentier há muito o denuncia, em matéria de propaganda anti-militarista. Por isso o traduzimos.

Os desempregados aumentam

LONDRES, 27. — Houve um aumento de desempregados na última semana, o aumento foi de cinquenta e sete mil trezentos e oitenta e seis, sendo o total de um milhão trezentos e setenta e cinco mil e quatrocentos. — *Rádio.*

NOTAS DA RUSSIA A contra-revolução em Cronstadt

(DA AGENCIA «ROSTA WIEN»)

Cronstadt ocupada pelas tropas soviéticas

O representante soviético Hanezki recebeu um telegrama de Moscú dizendo que as tropas soviéticas ocuparam Cronstadt.

A libertação de dois comissários

As tropas vermelhas começaram o assalto contra Cronstadt. As operações progrediram com sucesso. Uma grande parte da fortaleza e da cidade está nas mãos dos bolchevistas. Os destacamentos vermelhos libertaram o comissário da esquadra do Báltico, Kusmine, e o presidente do Soviété de Cronstadt, Vassilief, prisioneiros dos rebeldes.

O fim da aventura de Cronstadt

As últimas notícias confirmam a queda definitiva de Cronstadt. A 17 de Março, parte da divisão e os alunos da escola de guerra apoderaram-se do hospital marítimo e entraram pela porta de Petrogrado em Cronstadt. Os soldados vermelhos fizeram prova duma grande coragem. Não há exemplo na história que a infantaria, obrigada a marchar sobre gelo inundado de água, tome de assalto fortes solidamente armados e defendidos por numerosas peças de artilharia.

Dois navios que se rendem

A's oito horas da manhã o «Petropavlovsk» e «Sebastopol» submeteram-se ao poder dos Soviétés.

Rendem-se todos os fortes

Todos os fortes e navios de guerra se renderam às oito horas da manhã de 18 de Março.

Os chefes em fuga

O general Kozlovski e os membros do comité rebelde fugiram para a Finlândia.

Libertação dos comunistas

Todos os comunistas presos pelos rebeldes foram postos em liberdade.

Felicitações que não chegam a tempo

O general Wrangel enviou de Constantinopla um telegrama de felicitações ao general Kozlovski.

Wrangel exprime a esperança de que os acontecimentos de Cronstadt acabarão pela libertação de toda a Rússia...

O trabalho recomeça

O Soviété da província de Petrogrado comunica que as fábricas recomeçaram a laborar.

Desfazendo calúnias

O *Novi Mir* escreve: A missão soviética de Berlim, baseando-se num telegrama de Tchitcherine, comunicou o seguinte:

«A ordem reina em Moscú e Petrogrado. As notícias acerca das revoluções em Pálsiof, Orel, Minsk, Kursk, etc., são puras invenções. A liquidação da questão de Cronstadt fez-se lentamente porque se quis evitar derrames de sangue. As acções de bandos isolados nas vilas não tem por base nenhuma consideração política e dirigem-se somente contra a entrega de cereais. A campanha de mentiras contra a Rússia soviética espanta-nos pela sua perversidade.

No campo contra-revolucionário

E' calculado num milhão o número de contra-revolucionários russos que vivem actualmente nos países bálticos. Constantinopla tem um aspecto inteiramente russo. Em Sofia publicam-se jornais russos, funcionam bancos e empresas russas. Mas, o verdadeiro centro dos contra-revolucionários nos Balcãs, é, sem contestação, Belgrado. Logo nos primeiros meses de 1919 os emigrados começaram a aludir na Yugoslaviana. Esta situação aumentou depois da derrota de Denikine, e, depois da derrota de Wrangel, tomou o carácter de uma invasão. Nos bancos e nas empresas das cidades da antiga Hungria meridional e da Eslovénia os empregados são, na sua maioria, aristocratas russas. O conde Bobrinski, antigo general e governador das regiões ocupadas durante a guerra, é agora o administrador dos bens do antigo arquiduque Frederico, liquidados pela intervenção do governo jugoslavo.

PARALELOS... Coligações militares

Para uns, honras e liberdade; para outros, vexames e presidio

O caso Liberato Pinto-Pedroso Lima presta-se a considerações oportunas. E' dos factos que se tiram as mais proveitosas lições. Este facto é uma lição. Por ele aprendemos nós a conhecer a incoerência dos homens. Já Mirbeau, num dos seus romances de critica formidável, dizia que o homem é todo contraditório, incoerência, loucura. Assim é, principalmente quando se trata de governantes. Incoerência, chamemos incoerência ao que no fundo talvez seja cobardia moral.

Os governantes são sempre contraditórios quando examinamos os actos, os mesmos actos, praticados pelos ricos e pelos pobres, pelos grandes e pelos pequenos. Quando um grande comerciante rouba, é tratado com delicadeza, de chapéu na mão. Se um pária, sem casa, sem dinheiro, sem trabalho, sem nome, rouba um pão para enganar a fome de três dias, é preso; por vezes, espancado e remetido em grande velocidade para a costa de África. Quando, entre a escola, o pária atravessa, cabotico, as ruas da cidade, chegam à porta o paíto, que rouba no péso do pão dos pobres; o mercetiro, que rouba nos géneros essenciais à vida; o sapateiro, que rouba nas botas, que adquirimos com sacrifício, e murmuram para consigo um gritum para o vizinho do lado: — Tem mesmo tipo de gatuno, o malandrol!

Gatuno? — exclama um militar que passa, soberbo nos seus galões, ganhos a matar alemães nos gloriosos campos da Flandres. — Gatuno, aquilo? Ia apostar em como assassinou algum Alássino, assassino é que ele deve ser!

Tudo incoerência e contraditório, provenientes da moral avariada de que estão impregnados os códigos. E' também certas consciências, que aliás se julgam muito boas.

O caso Liberato Pinto redundou numa fantochada incoerente.

Alguns oficiais do exército que tem em grande apreço a acção do sr. Liberato, resolveram coligar-se para defender a sua lambada — dos militares coligados. Também achamos lógico. E' possível, que venha um dia em que os operários unidos darão, por seu turno, lambada nos militares coligados. Não é aqui ainda que está a contradicção humana. Vamos encontrá-la noutro ponto.

Por razão idêntica à que levou os senhores oficiais a coligar-se agora para defenderem o sr. Liberato, também há meses alguns soldados — tipos sem importância — do batalhão de sapadores dos caminhos de ferro se coligaram para não tirar a greve dos ferroviários do Sul e Sueste. A coligação dos soldados não ameaçava, não fazia mesmo perigar um regime, como a dos senhores oficiais. Os soldados recusavam-se simplesmente a colaborar numa injustiça governamental; só neste ponto difere.

Atinal, pensando bem no caso, o governo não foi contraditório, não foi incoerente. Foi simplesmente medroso. Os oficiais não tinham; os soldados fazem-se temer e os soldados oficiais fazem-se temer e os soldados não indisciplinam a força impõe todas as razões. A força só por si não é má nem boa. Nós temos a razão; os soldados tem razão; o que ainda não tem é força. Tratem os soldados de aumentá-la. Coliguem-se para possuila e terão também razão, sempre razão.

Porém, (e é aqui que se verifica a incoerência governamental) enquanto os senhores oficiais, após a coligação, e continuam a almotar a horas, a ser alegremente recebidos pelas esposas que amam e os filhos ingénuos que os beijam, enquanto os senhores oficiais gozam deliciosamente a liberdade, a boa mesa e recebem os chorudos ordenados, os soldados do batalhão de sapadores gemem nas enxovias húmidas da Torre de S. Julião da Barra.

Os oficiais coligaram-se e o governo não ousa mandá-los prender, não esboça sequer um gesto de defesa — porque o governo foi atacado, porque amanhã esses oficiais podem coligar-se contra o regime, e tem força para isso, e impor, por exemplo, uma ditadura militar. No entanto, o mesmo governo conserva nas prisões os soldados que se portaram como os seus oficiais. Não é contra os oficiais que nós nos revoltamos, porque isso seria revoltarmo-nos também contra os soldados. Todos eles merecem aplausos; foram corajosos, quiseram regressar à sua qualidade de homens.

A atitude dos governantes é que é condenável, por contraditória. Ou prendem também os oficiais e pratica coerentemente uma violência, ou solta os soldados e faz um acto de justiça.

Final, pensando bem no caso, o governo não foi contraditório, não foi incoerente. Foi simplesmente medroso. Os oficiais não tinham; os soldados fazem-se temer e os soldados oficiais fazem-se temer e os soldados não indisciplinam a força impõe todas as razões. A força só por si não é má nem boa. Nós temos a razão; os soldados tem razão; o que ainda não tem é força. Tratem os soldados de aumentá-la. Coliguem-se para possuila e terão também razão, sempre razão.

Os mineiros ingleses

resistem à baixa de salários

LONDRES, 26. — A conferência nacional de delegados mineiros, celebrada em Londres, decidiu repelir as propostas dos proprietários para baixar os salários.

Os delegados mostraram-se decididos a sustentar as suas petições de salário igual para todos os distritos. Pediram-lhe aos operários que dêem a conhecer a sua opinião por meio da votação. A última decisão resolveu postergar a maioria repelir as propostas patronais. Ao terminar a reunião, vários delegados declararam que esta medida implicava a greve em todas as minas, no 1.º de Abril, a não ser que intervenha o governo no conflito.

A decisão foi ontem comunicada ao governo e aos patrões. — *Rádio.*

A dívida russa

PARIS, 25. — O jornal «L'Avenir» regista a afirmação de Lloyd George de que o apoio da Inglaterra às reivindicações francesas no que respeita à questão da dívida russa. Quando se tratar a paz entre as potências ocidentais e a Rússia e França poderá liquidar essa questão tendo o apoio naquela potência. — *Rádio.*

Os índios protestam

contra a sua incorporação no domínio do Canadá

LONDRES, 26. — Notícias provenientes de New-York informam que seis nações de índios do Canadá reúnidas em conselho deliberaram enviar um apelo ao Rei Jorge contra o projecto da sua incorporação no domínio do Canadá.

Os índios protestam que desejam a sua forma tribal de governo e não de não ser atendida a sua reclamação, ameaçam um exodo geral do Canadá para os Estados Unidos. — *Rádio.*

A ALTA-SILÉSIA

Os polacos reivindicam o direito à região mineira

VARSOVIA, 26. — O sr. Trompinski e o plebiscitário Korfanty dirigiram telegramas a população polaca, agradecendo-lhe e felicitando-a pela forma patriótica como ela votou.

A imprensa polaca defende que os resultados do plebiscito afirmam a maioria absoluta dos polacos no distrito mineiro da Alta-Silésia, refutando as afirmações dos jornais alemães que pretendem que esse distrito não pode ser atribuído à Polónia em presença da maioria alemã manifestada nalgumas cidades.

O *Correio de Varsóvia* faz notar que em todos os territórios tira os pela Prússia e a Polónia, os alemães que constituíram na cidade um elemento importante sem que por isso o carácter polaco dos territórios, como a Posnânia, ficasse sem consideráveis elementos alemães. — *Rádio.*

